

ANA MARIA MACHADO

A arara e o guaraná



Ilustrações
MARIÂNGELA HADDAD



ea
editora ática



— Arara! Arara! Arara!

Lá na mata, a arara estava sempre chamando as amigas. Um dia, o papagaio é que respondeu, rindo:

— Elera! Elera! Elera!

— Elera, não! Arara! — corrigiu ela.


E ele explicou:

— É uma história: elera uma vez uma arara...

— Então, conta — pediu ela.

O papagaio contou. Esta história aqui.



A vertical illustration of a tree trunk on the left side of the page. The trunk is brown with some reddish-orange spots and is wrapped in a greyish-brown material. Several green leaves are attached to the trunk, some with orange and yellow highlights. The background is a soft, yellowish-green gradient.

Era — ou erera — uma vez uma arara.
Bem colorida, com muita pena vermelha
e algumas azuis e amarelas.

Parecia um grito de cor no meio da mata
verde. E adorava tudo o que fosse colorido.

Gostava das flores, das borboletas, dos tiês,
das saíras, dos periquitos, de tudo quanto
é passarinho cheio de cor.

Mas, mais do que tudo, ela gostava de guaraná.
Não desses guaranás em garrafa ou lata que a
gente toma na cidade. Mas do guaraná da mata,
uma frutinha redonda, bem vermelha e brilhante.